

O PROBLEMA DO RELATIVISMO MORAL

Rafael Bueno da Silva¹

RESUMO

A proposta elaborada a partir do presente artigo é mostrar ao leitor quão fortemente a filosofia relativista tem adentrado no seio da sociedade contemporânea e de modo particular trazido conseqüências desastrosas no campo moral. Para tal utilizar-se-á dos princípios os quais o relativismo se constrói e a partir daí demonstrar a incoerência em seu contexto. A base à qual se edificará a proposta será a filosofia aristotélica e as discussões acerca de tal tema levantadas por João Paulo II de honrosa memória. Desse modo, será demonstrada a visão de bem e mau, de liberdade e de ser humano tida por cada uma das partes. Serão tomadas como base exemplificações bem atuais no concernente à moral humana e a problemática de se relativizá-la.

PALAVRAS-CHAVE: Relativismo. Moral. Homem. Consciência.

INTRODUÇÃO

O relativismo é uma das correntes filosóficas que mais tem adentrado no seio da sociedade contemporânea. A ideia da não existência de princípios que regem o comportamento dos homens tem se difundido velozmente. Sem soma de dúvidas, tal vigência no pensamento tem trazido gravíssimas conseqüências no tangente à moral humana.

São perceptíveis atualmente inúmeras situações frente ao comportamento dos homens e das tomadas de decisões em sua vida que são influentemente guiadas pelas tendenciosidades às quais o contexto do mundo atual os insere. Decisões essas que outrora eram vistas diferentemente, mas que se corromperam pela ideia do absolutismo do homem frente à sua vida.

Não obstante, o desejo profundo de uma “liberdade” se confunde com uma licenciosidade extensa à qual permite ao homem ser deus de si mesmo. Ora, a ideia relativista parece ter se disseminado tão velozmente devido à facilidade e comodidade presentes em tal doutrina. Porém, apesar de tal “bem-estar” mostra-se de imediato a problemática e contraditoriedade contida em tal filosofia.

¹ Concluinte do curso de licenciatura plena em filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis

O PROBLEMA DO RELATIVISMO MORAL

Uma das grandes problemáticas atuais no concernente à moral humana tem sido o relativismo. Sua origem remonta séculos, e na contemporaneidade o mesmo tem emergido com uma força avassaladora na tentativa de provar que não há uma verdade absoluta.

Antes de discorrer sobre tal problemática na moral, convém fazer algumas menções acerca da origem da teoria relativista e de seus expoentes. Por primeiro faz-se cogente recordar a máxima de Protágoras: “O homem é a medida de todas as coisas”. Ora, aqui se encontra uma suma do que vem a ser o relativismo e introduz-se a grande problemática relativista.

Os sofistas são considerados os responsáveis por levantarem a questão da possibilidade do homem conhecer uma verdade absoluta ou não, e como se sabe negaram-na. Visto isso, não existe um conhecimento verdadeiro, mas apenas provável, deste modo, não há uma moral absoluta e sim leis convencionais. O critério para distinguir o verdadeiro do falso, ou o bom do mau é sempre relativo, correspondendo aos indivíduos.

Diante da proposta relativista cabe também mencionar uma similaridade com o ceticismo, pois ambos negam a verdade absoluta. De certo modo, o relativismo acaba por cair num ceticismo universal. E aqui se encontra mais um dos pontos questionáveis de tal “filosofia”. Porém não cabe aprofundar em tal tema para não desviar o foco da pesquisa.

A ideia de que não há uma verdade absoluta ou um princípio máximo para regimentar a ação humana é indubitavelmente contraditória. Ora, o relativismo afirma não existir uma verdade não relativa numa pretensão de que essa verdade seja encarada como não relativa. Tal proposta como se pode verificar é auto-refutante e partindo daqui poder-se-á discutir melhor acerca de tal tema.

Se cada um dos indivíduos pertencentes à raça humana tem sua verdade, não se deve levar em conta portanto as argumentações e ideias dos outros, nem tampouco tentar justificar ou defender as próprias ideias, observando que são apenas pontos de vista. Tremenda ignorância!

Eis aqui a grande problemática moral a que conduz o relativismo: se tudo é relativo, se não há verdade absoluta, se cada uma das situações depende do indivíduo e da cultura tão logo pode ser justificado o aborto, a eutanásia, o homossexualismo, o roubo. E o que dizer do nazismo? É uma situação à qual os membros da cultura ocidental não podem julgar. E até porque o ponto de vista que deve ser levado em conta é o de que os arianos são a raça pura, a raça perfeita. Quem pode contrariar tal ideia se tudo é relativo? Eis aqui, uma maneira para se justificar os desacordos sobre nossos desejos, crenças e ações devido às diferentes referências e formas de se cogitar, visto não ser possível alcançar uma forma objetiva ou um equilíbrio dentre os juízos.

João Paulo II em sua Carta Encíclica *Veritatis Splendor* assevera que “Perante as exigências morais, todos somos absolutamente iguais”, e o que é ser igual perante as exigências morais? Cabe aqui, utilizar-se da razão para adentrar em tal reflexão e perceber que se isso é bem verdade, algum princípio universal deve haver entre os seres humanos. Mas, para não deixar nada obscuro faz-se significativo lembrar que existem atos que são intrinsecamente maus e justamente por isso não dependem do sujeito nem tampouco das circunstâncias, eles são maus em si.

Ainda afirma João Paulo II (2006, p. 840) que:

Se os atos são intrinsecamente maus, uma intenção boa ou circunstâncias particulares podem atenuar a sua malícia, mas não suprimi-la: são atos “irremediavelmente maus que por si e em si mesmos não são ordenáveis a Deus e ao bem da pessoa: “Quanto aos atos que, por si mesmos são pecados (*cum iam opera ipsa peccata sunt*) – escreve S. Agostinho – como o furto, a fornicação, a blasfêmia ou outros atos semelhantes, quem ousaria afirmar que, realizando-os por boas razões (*causas bonis*), já não seriam pecados ou, conclusão ainda mais absurda, que seriam pecados justificados?”

E para melhor ainda fundamentar tal exposição contrária ao relativismo ao qual se discute continua: “Por isso as circunstâncias ou as intenções nunca poderão transformar um ato intrinsecamente desonesto pelo seu objeto, num ato “subjetivamente” honesto ou defensível como opção” (João Paulo II, *Veritatis Splendor*, 2006, p.840)

É bem perceptível na atualidade que a firme exposição acima de João Paulo II encontra uma densa dificuldade de assimilação. A falta de um referencial provoca hoje um efeito catastrófico na sociedade, uma visão cada vez mais crescente da conveniência, do que é mais agradável, assim tudo é possível, cria-se de certo modo o super-homem discutido na visão nietzschiana, aquele que cria a realidade, aquele que

não depende de mais nada e de mais ninguém pois ele cria o mundo, ele cria suas próprias normas, se é que elas existem.

Essa tendência extraída a partir da filosofia de Nietzsche se encaixa perfeitamente com a tendência do relativismo a qual se discute, pois segundo ele diante da relatividade e permissibilidade dos valores não se há qualquer possibilidade de sua deliberação racional. Assim, ocorre uma entrega total à produção extraída do pensamento relativista alimentando-o ainda mais. Ou seja, tudo permanece sendo relativo, avaliado conforme o contexto histórico e pessoal sem que haja nenhuma possibilidade de interferência contrária a essa ideia. Para os relativistas tal posicionamento é um campo ainda mais favorável de atuação afim de disseminar e deturpar, através de suas propostas, mais e mais indivíduos e suas mentes.

A posição relativista tem posto cada vez mais em dúvida inúmeros princípios e comportamentos éticos criando situações absurdas diante de valores que jamais podem se converter. O grande perigo aqui é justamente a inversão dos valores, não se determina mais o que é o bem e o que é o mal, pois cada situação convém ser analisada pelo próprio sujeito. Além disso, há uma dependência cultural e temporal. Ou seja, se no Brasil o aborto não é permitido, mas nos Estados Unidos é, não há nenhuma problemática aqui, visto que cada país tem sua cultura, seus hábitos, seus costumes. E, se a alguns anos atrás o divórcio era visto como absurdo hoje já é totalmente normal, aceito, independente dos motivos e causas do mesmo.

Conforme afirmam os relativistas, além de se partir de diferentes critérios para se analisar a verdade, ela também varia de acordo com o tempo. Desse modo, se no período medieval o homem ainda era concebido como um ser criado por Deus à sua imagem e semelhança e, já na modernidade, ele passa a ser visto como um mero produtor de processos naturais sem finalidade alguma, o que dizer? Quem afinal de contas está com a razão? Se tomarmos como ponto de partida a visão relativista ambos estão corretos. Surge-nos uma imputação: o homem seria então filho de Deus somente enquanto acreditasse nisso? E, se o homem moderno ou pós-moderno deixa de acreditar nesse Deus ele deixa de existir?

Tal situação se abraça a outra série de exemplificações que se pode dar e, a partir delas, perceber o grande entrave no qual o relativismo se insere. A problemática do relativismo não se vê só num contexto moral ou ético, ela é um problema gigantesco o

qual os próprios relativistas não perceberam pela monstruosa deturpação à qual suas mentes se deram.

Se a sequencialidade das ideias for assim, a tendência de se cair num abismo se fará ainda mais presente. Se for feita uma análise do comportamento dos homens na sociedade contemporânea, é evidente que isso já tem ocorrido. A falta de objetivos e de um itinerário a ser percorrido conduz os indivíduos a um vazio existencial. Nada mais tem sentido. Desse modo, o fim último para o qual o homem foi criado se encontra ofuscado.

Cada vez mais é possível se deparar com indivíduos que trazem um grande vazio interior, indivíduos infelizes, rodeados de outras pessoas, de bens e de tantas outras coisas pelas quais lutou a vida inteira, mas corroídos por dentro. Por que será? Isso tem uma resposta! A força do relativismo e de tantas outras tendências a que dirige as pessoas faz com que se perca de vista os valores essenciais para a felicidade, para a realização pessoal. Quando se perde de vista aquilo que é próprio do ser humano, aquilo que é capaz de lhe realizar, o espaço passa a ser tomado por um emaranhado de superficialidades que, no entanto, não são capazes de preencher esse vazio no coração humano.

Atualmente se tem falado de uma gama de doenças mentais, transtornos psicológicos e problemas afins. A partir dum estudo mais apurado dos fatores que conduziram os indivíduos a tal situação pode-se encontrar em grande proporção alguma ação ou conseqüência da filosofia relativista: algum modo de ver a realidade, de agir, de interagir, enfim de viver. Diante de tal situação encontra-se sempre um indivíduo com o olhar voltado a propostas que não são concernentes à finalidade para a qual o homem foi criado.

Essa anulação de uma verdade absoluta, de um critério máximo a ser observado tem levado o mundo a um colapso. Incontáveis atrocidades e deturpações da moralidade humana têm acontecido devido a essa visão caótica de mundo, de ser humano, de sociedade.

Recentemente a mídia brasileira tem testemunhado inúmeros casos de desrespeito total à pessoa humana. A partir duma análise apurada de tais casos pode-se

questionar: que visão de mundo se tem tido? Que visão de ser humano? O que se tem tido como valor? O que é o bem para os homens hoje?

A partir dessas interrogações poderá se perceber que de fato a conseqüência de tais atrocidades remonta uma série de situações a que o ser humano tem se colocado, dentre elas a perigosa ideia do “tudo posso” e do “homem deus” que a sociedade tem criado, aquele capaz de resolver tudo com as próprias mãos e que, justamente por poder tudo, não tem que seguir regras, nem normas, nem tampouco costumes, características que revelam a presença relativista nesse contexto.

A discussão da influência relativista em diversos casos parece fora de rota, um pouco sem sentido, mas é justamente aí que reside mais uma das armas de tal tendência. O relativismo adentra de maneira sutil na sociedade e pode-se afirmar que está presente em quase todas as decisões que o homem pós-moderno tem tomado. Se não houver uma vigilância constante em relação a isso corre-se o risco de uma anulação total do indivíduo, fator que já pode ser observado, ou seja, é um processo já iniciado e que parece ser incontrolável dada a força com a qual isso tem ocorrido.

O mundo contemporâneo vive nada mais do que uma ditadura do relativismo e ainda mais uma ditadura da razão. Tudo é medido tão somente a partir dela que se torna uma “deusa” para os homens. Mas, o problema maior não é a centralidade da razão e sim o seu esfacelamento, os desatinos a que a mesma está condicionada, submergindo cada vez mais no relativismo e distanciando-se assim do fim último: o bem, a verdadeira felicidade.

Quando o homem faz uma escolha em sua vida é bem evidente que ele precisa utilizar da sua razão para traçar o itinerário ao qual se propõe. Isso é algo dado pelo próprio Criador. No entanto, o que se questiona aqui é o mau uso dessa razão no sentido de inserir o homem em realidades às quais não compete a sua humanidade: o mau. Quando isso ocorre o desastre na sociedade é evidente.

Segundo João Paulo II (2006, p. 815):

Sem dúvida, o homem, para ter uma boa consciência deve procurar a verdade e julgar segundo essa mesma verdade. Como diz o apóstolo Paulo, a consciência deve ser iluminada pelo Espírito Santo, deve ser pura, não deve com astúcia adular a palavra de Deus, mas manifestar claramente a verdade. Por outro lado, o mesmo apóstolo adverte os cristãos, dizendo: “Não vos conformeis com a mentalidade deste mundo mas transformai-vos pela

renovação da vossa mente, a fim de conhecerdes a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável e o que é perfeito” (Rm 12,2)”.

Ora, percebe-se aqui que essa verdade da qual o venerável pontífice falara é contraditória em todos os aspectos à visão relativista de mundo. Ao mesmo tempo convém ressaltar a citação acima do apóstolo Paulo que pode servir hoje como um alerta à estrutura de mundo que se tem criado na sociedade contemporânea.

É bem verdade, como já se assinalara anteriormente, que o relativismo remonta séculos, porém a estrutura de sociedade hoje tem permitido uma difusão em ritmo mais acelerado de tal filosofia, junto a essa crescente tendência encontra-se outra gama de tendências da sociedade pós-moderna que, ao contrário do que o apóstolo Paulo alertara em sua carta aos romanos, tem feito o homem se tornar escravo delas, estagnando sua mente e fazendo com que ele deixe de buscar aquilo que de fato convém.

A verdade não admite o princípio que lhe é oposto. Ou seja: a mentira. Algumas noções básicas de lógica tornam ainda mais perceptível tal ideia: se duas proposições são contraditórias uma em relação à outra, e se apenas uma das duas é verdadeira, então a outra tem de ser obrigatoriamente falsa. Clarificando: se João diz a alguém que a terra é redonda e sua mãe diz que não, a pessoa a quem os dois falaram tem de optar por acreditar numa das proposições e rejeitar a outra. Ora, se João fala a verdade sua mãe mente; se a terra é de fato redonda como ele diz, sua mãe apresenta uma proposição mentirosa, sendo assim deve ser firme e claramente rejeitada pela pessoa que ouve ambos.

A partir de tal exemplificação é possível tomar uma noção ainda maior da problemática a que o relativismo adentra. Assim, já se sabe que ele é no mínimo ilógico e contraditório. Mas, não é tão fácil como parece levar os indivíduos que estão corrompidos por tal sociedade relativizada compreenderem essas noções. O problema está bem mais além! E justamente por isso convém tal discussão.

Sabe-se bem que a consciência de cada indivíduo é que vai determinar as ações a serem tomadas como boas ou más. Ora, a consciência enquanto julga um ato, não está isenta da possibilidade de erro. Para que se tenha uma boa consciência é preciso procurar a verdade e julgar segundo esta mesma verdade. Mas, como será possível ter uma boa consciência se não se afirma uma verdade absoluta a qual servir como ponto de partida?

“A consciência pode errar devido uma ignorância invencível” (JOÃO PAULO II, 2006, p. 815). Ora, essa invencibilidade da ignorância se dá justamente pelo afastamento ou negação da verdade. Desse modo se há de permanecer suscetível à força do relativismo, e cada vez mais ser sorvido por ele.

A Carta Encíclica *Evangelium Vitae* do saudoso papa João Paulo II alerta para tendências relativistas muito presentes em nossa sociedade:

Com as perspectivas abertas pelo progresso científico e tecnológico, nascem outras formas de atentado à dignidade do ser humano, enquanto se delinea e consolida uma nova situação cultural que dá aos crimes contra a vida um *aspecto inédito e – se é possível – ainda mais iníquo*, suscitando novas e graves preocupações: amplos setores da opinião pública justificam alguns crimes contra a vida em nome dos direitos da liberdade individual e, sobre tal pressuposto, pretendem não só a sua impunidade mas ainda a própria autorização por parte do Estado para praticá-los com absoluta liberdade e, mais, com a colaboração gratuita dos serviços de saúde.

Como se defender uma liberdade individual diante dum ataque à dignidade da pessoa humana? O desejo de defesa dessa liberdade acaba por tomar meios que não podem jamais serem justificados pelos seus fins. E cabe ressaltar que mais uma vez se torna visível a contraditoriedade existente no pensamento dos adeptos à filosofia de Protágoras.

Cabe aqui uma exemplificação de um fato um tanto polêmico para elucidar aquilo que se está a discutir. Imagine-se que uma mulher tenha sido estuprada e a partir daí tenha se engravidado. Uma situação para muitos triste, revoltante... Ora, uma grande parcela da população acredita piamente que deve ser realizado o aborto, visto que a criança que está no ventre de tal mulher é fruto de um momento traumático e que jamais essa criança poderá ser amada se vier a nascer. A mulher está traumatizada. Mas, será essa a solução de tal problemática? Não se estaria querendo utilizar de um meio totalmente contrário à moral para se resolver um problema pessoal e gerando outro? E a criança não seria ainda um ser humano? Sim! Um ser indefeso, incapaz de falar por si e que do mesmo modo que sua mãe não teve culpa da concepção.

Para os relativistas a situação supra-citada deve ser tão somente resolvida pela mulher e não há regra, norma ou costume ao qual se apegar. Ou seja, algo vazio de significado. É assim que o relativismo põe o ser humano, mesmo que de modo camuflado. Ao contrário, para a filosofia cristã o princípio máximo ao qual deve se

apegar é a vida. E não se justifica uma morte de um inocente com a finalidade de se privar outro indivíduo de situações futuras possíveis.

Opções outrora consideradas unanimemente criminosas e rejeitadas pelo senso moral comum, tornam-se pouco a pouco socialmente respeitadas. Tal alteração no pensamento é consequência justamente dessas novas perspectivas e visões de mundo que o progresso científico e tecnológico trouxeram às quais citou João Paulo II. A livre capacidade de criar a si mesmo e criar o mundo à sua volta fez do homem um personagem totalmente independente dos outros, da história, das regras e por que não dizer da moral e mesmo que inconscientemente independente de Deus.

Um indivíduo que cria sua realidade, que não se baseia em princípios ou normas, que acredita ser a realidade ditada por ele mesmo, tão logo se torna um deus. Torna-se um deus de si mesmo, torna-se um deus do mundo. Sim! Tal ideia parece ser um exagero, no entanto é a mais simples realidade vigente. O outro não é levado em consideração a não ser quando lhe for conveniente.

É preciso uma tomada de consciência para se perceber a incessante ciclicidade com a qual o relativismo tem se apresentado. Ele tem perpassado as civilizações como um vírus, com uma capacidade rápida e surpreendente num movimento conforme o meio circundante. Evidente é, que esse vírus traz profundas consequências para o seio da humanidade.

Diante de tal problemática expõe-se a cultura de morte presente no mundo hodierno, consequência da força do supra citado vírus. Ora, essa cultura de morte tem delineado um itinerário das conveniências sociais. Tem –se buscado a facilidade ao homem e à sociedade, eliminando desse modo o que de fato cabe aos seres humanos, indivíduos racionais, possuidores duma liberdade, seres éticos.

É evidente que os homens são livres para pensarem, para agirem, para tomarem decisões. E, sendo cada um diferente do outro, é preciso que seja respeitada e levada em consideração essa individualidade. Porém, a mesma não deve ser tomada como individualismo, entre ambas a uma considerável diferença. Se existem diversas “verdades”, diversas formas de se cogitar sobre determinada situação, deve existir dentre essas “verdades” uma superior que regimenta as demais. Ou ainda como afirmara Aristóteles “Se há um fim absoluto, será esse o que estamos procurando; e se há mais de

um, o mais absoluto de todos será o que estamos buscando” (ARISTÓTELES, 2010, p.25).

A sociedade contemporânea influentemente edificada a partir da perspectiva do relativismo está bem longe de entender mesmo diante da existência de diversos “bens” ou “verdades” esse absoluto trazido pela visão aristotélica. Não se distingue aqui uma verdade ou bem maior dentre as outras “verdades” ou “bens” que ele mesmo delinea.

Essa perspectiva de um bem maior o qual assinalara Aristóteles fora de semelhante modo defendida séculos mais tarde por outros sábios e centrados pensadores como Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino. Sem soma de dúvidas não fora em vão tal discussão, pois de fato deve existir um bem maior mesmo que existam outros bens e de fato a busca do homem deve ser justamente esse bem superior que está acima de toda e qualquer outra noção que se tenha de bem.

Ora, se diante duma determinada situação moral surge a dúvida acerca de qual decisão tomar, ou qual itinerário percorrer, resta recordar a célebre ideia trazida por Aristóteles. Dentre todas as possibilidades, analisar qual é de fato o bem maior e o que afinal estará contribuindo para a realização final do homem. Se não se procede de tal maneira corre-se o risco de fazer aquilo que o próprio relativismo espera que os homens façam: agir circunstancialmente eliminando toda e qualquer possibilidade de um princípio ulterior.

Se até mesmo os mentores do relativismo que se dedicam à verdade empírica absorvida por cada indivíduo e ao relativismo moral, agem como uma tribo típica, é porque, afinal deve existir uma natureza humana universal. E, aqui a ideia de uma *tabula rasa* por conta da existência de uma natureza humana fixa esvazia-se demonstrando desse modo ulterior incoerência.

Por fim, diante de tamanha vacuidade à qual se encontra o relativismo convém assegurar que há sim um princípio máximo a reger a vida dos homens e seu comportamento diante dos outros indivíduos. Portanto, cabe aos inseguros e instalados na comodidade relativista atuar contra o extrato de seus juízos, pois diante da debilidade de um referencial moral se erguerá uma luta consigo mesmo visto não ser um indivíduo possuidor de uma unicidade, mas sim de uma complexa multiplicidade.

CONCLUSÃO

Diante da discussão elaborada frente ao relativismo moral, torna-se indubitável a vacuidade de tal proposta. Sabe-se que o fato de querer aceitar todo e qualquer posicionamento acerca da realidade é ilógico e contraditório, visto que não pode ser aceita uma negação e sua afirmação ao mesmo tempo como queriam os sofistas.

No concernente à moral humana como afirmara Aristóteles e João Paulo II deve haver sim algum princípio que venha de encontro à regência do comportamento do homem. Uma posição contrária a isso gera no seio da sociedade aquilo que de forma clara se tem visto hoje: uma perda total dos valores, a inexistência de um itinerário firme ao qual alçar objetivos.

Frente a tais problemáticas se encontra um ser humano esfacelado, corroído pelo tempo e pela tendência vigente. Um homem capaz de negar sua própria natureza, a própria finalidade com a qual Deus o criou. Enfim, um homem capaz das maiores atrocidades, visto que para ele as mesmas podem nem existir.

É preciso ter coragem de enfrentar consigo mesmo e com os próprios desejos para que não se procure o caminho mais cômodo ao qual o relativismo tenta inserir os indivíduos. Assim, faz-se urgente um olhar crítico para tal realidade na tentativa de resgatar o que há de mais profundo e mais belo na vida do homem.

ABSTRACT

THE PROBLEM OF MORAL RELATIVISM

The proposal drawn up from the present paper is to show the reader how strongly the relativistic philosophy has penetrated in the midst of contemporary society and particularly brought disastrous consequences in the moral field. For such use will be the principles which relativism is being built and from there to demonstrate the inconsistency in its context. The base to which the proposal will build Aristotelian philosophy and discussions about this issue raised by John Paul II for an honorable memory. Thus, it will be shown a vision of good and evil, freedom and human being had by either party. Be taken as a basis exemplifications and current with regard to human morality and the problem of relativize it.

KEY-WORDS: Relativism. Moral. Man. Consciousness.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4.ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.
 CHAUI, Marilena. Elementos de lógica. In: *Filosofia*. 1.ed. São Paulo: Ática, 2002. Cap. 15, p. 92-105.

- EVANGELIUM Vitae. In: *Encíclicas de João Paulo II.* 2.ed. São Paulo: Paulus, 2006. p. 885-1038.
- VERITATIS Splendor. In: *Encíclicas de João Paulo II.* 2.ed. São Paulo: Paulus, 2006. p. 743-884.
- MONDIN, Battista. Escola Sofista. In: *Introdução à filosofia.* 16.ed. São Paulo: Paulus, 2006. Parte 2, p. 224-225.